

Garimpeiros responderão por crime de genocídio

Conflito em Roraima deixa dois ianomâmis mortos, atingidos por tiros de revólver e espingarda

RUBENS SANTOS

BRASÍLIA — Garimpeiros que ocupam a região do Rio Auaris, em Roraima, mataram a tiros de revólver e espingarda de caça o cacique ianomâni Lourenço e seu filho Alberto Sanumá, durante conflito ocorrido quinta-feira na maloca Holamai, distante 500 quilômetros de Boa Vista. O índio Waxi Sanumá também foi ferido no confronto e está hospitalizado na capital. A denúncia, feita pelos índios da maloca Holamai foi confirmada pelo administrador da Funai em Boa Vista, Glênio Álvares.

O procurador-geral da República, Aristides Junqueira, entrou ontem com pedido de abertura de inquérito na Polícia Federal, exingindo a responsabilização dos garimpeiros ainda não identificados por crime de genocídio (crime contra a humanidade com intuito de destruir um grupo étnico) — instrumento jurídico utilizado pela primeira vez no País. “O Ministério Público tudo fará para que os autores sejam punidos de acordo com as leis vigentes”, garantiu Junqueira.

Segundo Álvares, foram cinco os garimpeiros que invadiram Holamai na manhã de quinta-feira. As causas da invasão, diz o administrador da Funai, ainda são desconhecidas. Entre as muitas e contraditórias versões para o conflito está a de que os garimpeiros tentavam retomar objetos desaparecidos. Para o vice-presidente da Missão



Junqueira: pedido de inquérito por crime de genocídio

Evangélica da Amazônia (Meva), Milton Camargo César, a principal causa da invasão foi o desaparecimento ocorrido há dois meses de um índio pertencente à maloca Holamai. De acordo com o dirigente da entidade — que dá assistência social e médica a ianomâmis da região —, o sumiço do índio Waitiri, com idade aproximada de 20 anos, levou a tribo a desconfiar de assassinato por parte dos garimpeiros. A partir daí, afirma Milton César, os índios começaram a vasculhar as cabanas dos garimpeiros, levando espingardas. A resposta, diz, foi o ataque à maloca.

MORTE

“Segundo os índios, os cinco garimpeiros foram quinta-feira à maloca e atiraram no cacique e em outros

dois guerreiros”, revela o vice-presidente da Meva. Ele explica que na área há poucos grupos de garimpeiros, pois ali não existe abundância de ouro e a selva é muito fechada.

Na versão do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), os garimpeiros atacaram a maloca do cacique Lourenço alegando que os índios teriam furtado alimentos de seu acampamento. “Do conflito, resultou a morte de dois índios e dois garimpeiros”, afirma a entidade. Essa informação, contudo, é negada pelo presidente licenciado da União dos Sindicatos dos Garimpeiros da Amazônia, José Altino Machado: “Se houve morte de garimpeiros, não temos notícia”, diz, ao negar também a existência de conflito e massacre de índios.